

A MORTE DA Independência E O NASCIMENTO DA Esperança



Em setembro temos uma das datas mais importantes para a formação da fisionomia política do Brasil. Nossa independência dos laços governamentais de Portugal e o nascimento de um estado eminentemente responsável de si é uma conquista que realmente deve ser celebrada – a despeito dos mitos e exageros que estão ao redor dessa data. No entanto, como tudo o que concerne à vida humana, a esfera política não está livre de uma prestação de contas à soberania de Cristo. Existe uma maneira genuinamente cristã de não só encarar os acontecimentos políticos, como também de participar de cada um deles. Nesse esforço de construir uma abordagem bíblica da política, um conceito teológico fundamental é o de idolatria.

A idolatria é a primeira proibição de Deus ao seu povo (Êx 20:3-6), é uma espécie de resumo de todo e qualquer outro pecado (1Jo 5:21). Ou seja, sempre que temos alguma desobediência ao Senhor, existe alguma parte da criação que foi colocada no lugar de Deus – isto é, algo foi feito como um ídolo, um falso deus.

Quando transferimos para o âmbito político essa ideia, temos uma estreita correlação entre idolatria e ideologia. O cientista político cristão David Koyzis, nos ensinou que nas mais diversas propostas políticas que temos hoje, diferentes facetas da criação de Deus foram transformadas em verdadeiros deuses para algumas pessoas. Pense, por exemplo, em um nacionalista que fez de sua nação o critério máximo de julgamento de todo valor político. O mesmo pode ser dito do socialista, que enxerga a comunidade política como sagrada e inviolável por qualquer iniciativa privada. Ou ainda, um liberal que idolatra a liberdade dos indivíduos e abomina grandes estados políticos. Enfim, em toda ideologia política existe uma idolatria. Algum aspecto bom da criação ganhou dimensões muito maiores do que as outras partes da sociedade.

Nesse sentido, o dever político de um cristão é procurar o contínuo equilíbrio entre todas as ideologias políticas, não deixando que nenhuma seja um ídolo em sua vida. Uma espécie de abordagem pluriforme em que as várias perspectivas são consideradas de maneira complementar e nunca isoladas. Isso porque a justiça é uma noção teológica complexa e nenhuma ideologia, por si só, conseguiria proporcionar aos cidadãos uma abordagem completa das questões políticas.

Se realmente acreditamos que nosso Deus é soberano sobre todas as esferas da existência, e que todas elas precisam ser devidamente transformadas e redimidas, será através da administração da justiça, por meio do governo que Ele instituiu (Rm 13), que cada área da criação experimentará transformação segundo a dinâmica do reinado de Deus.